

Lembranças vivas de Hilda Hilst registradas no caderno de campo da alma e do coração

Vivid memories of Hilda Hilst recorded in soul and heart field notebooks

Recebido em: 4 de outubro de 2011

Aprovado em: 4 de novembro de 2011

Bernadeth Maria Pereira

CEFET-MG – Campus I -

E-mail: detepereira@yahoo.com.br

Resumo

Escrevi este tributo à Hilda Hilst em 4 de fevereiro de 2004, quando ela finalmente foi tocada por aquilo que o seu imaginário tentou decifrar ao longo de toda sua vida e obra: a morte. Inspirada no monólogo que Hilda criou para a morte em seu livro “*Da morte. Odes mínimas*”, ilustrado com aquarelas da própria autora, vislumbrei uma imagem da aparência da morte, entre tantas que Hilda propôs. A morte vinha disfarçada de um terno amante que a contemplava: “Se me tocares,/ Amantíssima, branda/ Como fui tocada pelos homens// Ao invés de Morte/ Te chamo Poesia/ Fogo, Fonte, Palavra viva”. Porém, quem a tocava era Lígia Fagundes Teles concretizando o desejo, que um dia Hilda nos revelou: morrer segurando a mão da amiga. E Lígia percebendo que Hilda se tornava “*um pássaro branco a procura de Deus*” libertou-a soltando suas mãos. Conheci Hilda Hilst quando criamos e realizamos um vídeo documentário sobre a escritora. Os depoimentos orais da própria Hilda e de pessoas próximas e amigas, além de reforçarem o seu brilhantismo, a irreverência e a audácia da escritora, revelam também o seu lado generoso, dócil, simples e amoroso, até então desconhecido para o grande público.

Palavras-chave: Hilda Hilst ; História Oral; Casa do Sol; brilhantismo; irreverência; amorosidade

Abstract

I wrote this tribute to Hilda Hilst on February 4, 2004, when she was finally touched by what her imagination have tried to decipher throughout her life and work: death. Inspired by what monologue created for the death of Hilda in her book “*From death, minimum odes*”, illustrated by paintings of the author herself, I glimpsed an image of the appearance of death, among all the other Hilda had proposed. The death came disguised as a tender lover who contemplated her: “If you touch me / Gentle Beloved / How I was touched by men/ I call you poetry/ Fire, fountain, Living word.” However, who touched her was Ligia Fagundes Teles making come true the wish that one day Hilda revealed to us: to die holding the hand of her friend. Lígia realizing that Hilda had become “*a white bird in search of God*” freed her, letting go of her hands. I first met Hilda Hilst when we were creating and performing a documentary video about her. The oral testimony of Hilda herself and those close friends, besides reinforcing her brilliance, her irreverence and audacity, also reveals her generous, docile, simple and loving side, until then, unknown to the general public.

Keywords: Hilda Hilst; Sun House; brilliance; irreverence; loveliness

Não foi por acaso, que a última vez que a vi, ela vestia uma camiseta com a estampa de Che Guevara. Sim, ela gostava dele, mais tarde descobri que as primeiras cenas de seu drama metafórico, o *Auto da Barca de Camiri*ⁱ, escrito entre 1967 e 1968, fora baseado na morte do grande revolucionário argentino.

Naquela manhã uma aura de luz envolvia Hilda de uma maneira especial. Ela estava mais disposta, exibia o frescor de quem acabara de sair do banho, não com a antiga e recorrente febre manifestada, repentinamente, no chuveiro, quando tinha inspiraçõesⁱⁱ. Mas, com a calma de quem não precisa mais correr, com a convicção de quem vai fazer uma revelação e com a transparência de quem nada tem a esconder.

Havia um descompasso entre a fragilidade de seu corpo e a vivacidade de seu espírito, entre a beleza e a sensualidade de seu sorriso e sua voz tremula e rouca. Caminhava com dificuldade, a passos lentos e curtos, como quem está se despedindo, mas os seus olhos tinham uma expressão decidida. Lembrei-me de um fragmento do poema que Hilda fez aos dezoito anos: “*Somos iguais à morte, ignorados e puros e bem depois o cansaço brotando nas asas seremos pássaros brancos a procura de Deus*”ⁱⁱⁱ. (informação oral). Cecília Meirelles ao ler o poema escreveu assim sobre a tão jovem poeta: “*Quem disse isso precisa dizer mais*”^{iv}. (Informação oral).

A temática do amor, da morte e a forte presença de questões místicas e religiosas são recorrentes em toda sua obra. Sua espiritualidade e natureza irreverente já se manifestavam desde os sete anos de idade, quando foi estudar no colégio interno Santa Marcelina, na cidade de São Paulo por 8 anos. Hilda lia a vida das santas e queria ser como elas, mas por outro lado, não abaixava a cabeça para as freiras e bebia, às escondidas, o vinho do padre. Este ambiente de colégio foi evocado na sua dramaturgia *A Possessa*, *Rato no Muro*, na narrativa *O Unicórnio*, e também na poesia: “*Os amantes no quarto / Os ratos no muro / A menina / Nos longos corredores do colégio*”. Destacamos a montagem de *O rato no muro*, sob a direção de Terezinha Aguiar, apresentada no Festival de Teatro de Manizales, na Colômbia em 1969 e *O caderno rosa de Lory Lamby* levado ao palco sob direção de Bete Coelho e tendo no papel principal a atriz Iara Jamra em 1999. O tema multívoco dos ratos, aliás, ressurge numa das peças *Aves da Noite* e na ficção narrativa, fato digno de nota por revelar a persistência dos motivos que se mantêm através da obra poética, dramática e narrativa de Hilda Hilst. Suas peças de teatro receberam vários prêmios e foram encenadas em importantes teatros nacionais e internacionais.

Hilda nos confessou ter buscado Deus ininterruptamente. A sua literatura fala basicamente deste inefável o tempo todo, mesmo na pornografia ela insistia em ligar o erotismo ao divino. Ela exemplifica, é por isso que *A Senhora D*^v pergunta: “*Deus, você me entendeu?*” E ainda:

O erótico não é a verdadeira revolução. O erótico para mim é quase uma santidade. A verdadeira revolução é a santidade. Porque você começa a querer se aproximar de Deus? O erótico? Eu não dou mais tanta importância ao erótico, sabe? Para mim, aliás, é uma coisa já muito antiga. Mas parece que as pessoas gostam de falar nisso: vagina, pênis. Eu já falei de tudo isso no Qadós^{vi}, n’*Á Senhora D*^{vii}. Em todo lugar eu falava sobre isso. Agora não tem mais tanta importância” (Informação oral^{viii}).

O deboche que Hilda usava como recurso social não passava de uma antítese necessária à espécie de santidade que ela praticava diariamente na Casa do Sol, afirmou certa vez, seu amigo Carlos Voght^{ix}. Vale lembrar, que devido à dificuldade de atingir o grande público, pela profundidade de seus escritos, Hilda inicia a sua fase pornográfica em 1982 com *A obscena senhora D*^x. A autora justificou essa medida radical como uma tentativa de vender mais e assim conquistar o reconhecimento do grande público. Então ela resolveu escrever sobre a problemática do sexo de um modo novo, sem véus, com toda a crueza. Ela dizia que iria fazer umas coisas porcas, que as pessoas gostassem de ler, mas ela não conseguiu. Sua literatura pornográfica era difícilíssima de ser lida e compreendida, pois a autora não abandonou as profundas questões da existência que sempre constituíram o foco de seu legado literário, quais sejam: Deus, a morte, a arte e as relações humanas. Seus poemas são lidos juntamente com os textos de Safo, Gabriela Mistral e Marguerite Yourcenar, entre outras autoras, no recital *Le féminin du feu*, durante as comemorações do dia Internacional da Mulher em Quebec, Canadá, em 1997.

Hilda passa a ser erroneamente considerada, por parte da crítica, como escritora essencialmente erótica por sua trilogia obscena^{xi}, *que embora seja frequentemente considerada* como algo destacado em sua produção literária e de menor alcance estético, pela estreita aproximação com aspectos da pornografia, representa menos de um décimo da sua obra. *O caderno rosa de Lory Lamby*^{xii}, livro traduzido para o italiano, é o volume inicial dessa trilogia e consagra essa fase pornográfica mesclando uma linguagem chula com uma poética plena retratando, assim, a inquietude da condição humana. A obra provoca espanto e indignação em seus amigos e na crítica. O editor Caio Graco Prado se recusa a publicá-la e o artista plástico Wesley Duke Lee a

considera “um lixo”. *Contos d’escárnio / Textos grotescos*^{xiii} e *Cartas de um sedutor*^{xiv} também são livros dessa fase, sendo o primeiro traduzido para o francês e o último encerrando essa etapa.

O sagrado e o profano na poética de Hilda Hilst foram analisados na tese de Goimar Dantas de Souza^{xv}. A autora pretendeu comprovar por meio da análise dos textos hilstianos, que a obra de Hilda é construída como uma espécie de chamamento explícito ao Divino e à compreensão de seus desígnios. A autora afirma que Hilda Hilst realiza uma incursão vertiginosa por vias sacro-profanas à medida que nutre pelo Pai-Eterno sentimentos absolutamente ambivalentes.

A deslumbrante Hilda, a mais bela entre as mais cortejadas mulheres de sua época, uma beleza de Ingrid Bergman acrescida da sensualidade de Rita Hayworth, como tão bem a descreveu Masao Ohno, seu editor, buscou a reclusão por opção, não por temperamento. Depois de ler “Carta a El Greco”, de Nikos Kazantzakis (KAZANTZAKIS, 1961), Hilda sentiu a mesma necessidade de isolamento do poeta, novelista, dramaturgo e filósofo grego, quando foi para o Monte Athos escrever. Hilda lembrava: “*Eu tinha que ser só para compreender tudo, para desaprender e para compreender outra vez. Aquela vida que eu tinha era muito fácil, uma vida só de alegria, só de amantes*”^{xvi}. (Informação oral).

A influência de Nikos Kazantzakis na vasta obra de Hilda Hilst foi estudada por Kamilla Kristina Sousa França Coelho^{xvii}. A autora discute a visão de Hilda sobre Deus, buscando mostrar como essa é uma recriação das idéias de Kazantzakis, principalmente, em “Poemas malditos, gozosos e devotos^{xviii}”. Hilda discute o valor de Deus e sua importância para o homem lançando um olhar cético aos antigos paradigmas religiosos, inovando as imagens e as metáforas para caracterizar Deus como um ser comum, dependente dos homens para seu louvor e adoração. Conforme a autora, Deus estaria sujeito a condições de solidão, tristeza, medo e ódio como qualquer ser humano.

As idéias de Kazantzakis se transformaram num marco na vida da escritora sendo uma das principais causas de sua mudança em 1965 para a chamada *Casa do Sol*, construída na antiga fazenda herdada da mãe em Campinas-SP. Hilda construiu também a *Casa da Lua*, na praia de Massaguaçu no litoral paulista, na qual gostava de passar temporadas para escrever.

A *Casa do Sol*, freqüentada por artistas de várias áreas, foi transformando-se num centro de fomento cultural das décadas de 70 e 80^{xix}. Hilda mudou-se para a *Casa do Sol* em companhia do escultor Dante Casarini, que em 1968 se tornou seu marido.

Em 1985, mesmo depois de divorciarem-se Dante continuou morando na *Casa do Sol* até 1991, e sempre manteve profunda amizade com Hilda. Os amigos escritores José Luís Mora Fuentes, Caio Fernando Abreu, Edson Costa Duarte, também crítico literário, moraram na *Casa do Sol*, sendo que Mora Fuentes, amigo e escritor, lá permaneceu e acompanhou Hilda até a morte.

O pai de Hilda, Apolônio de Almeida Prado Hilst, filho de Eduardo Hilst, imigrante francês, foi fazendeiro, jornalista, poeta, ensaísta e crítico literário. A mãe, Bedecilda Vaz Cardoso, era filha de portugueses e amava seu pai loucamente. Embora não tivesse a inteligência brilhante do pai, era uma mulher bastante curiosa, que se interessava por tudo e lia muito. Hilda dizia que seus pais tiveram uma paixão “*daquela de perder mesmo o senso*”. Embora, eles acabaram se separando quando Hilda era bem pequena, Hilda contava que a mãe “*falava dele sem parar, do amor que tinha por ele*”. Hilda achava o seu pai um homem lindo e foi aprendendo a amá-lo, assim como a mãe.

Hilda nos contou que seu pai era um gênio, que na década de 30 escrevia coisas deslumbrantes e era completamente moderno. A imagem que Hilda foi criando do pai foi aquela íntima e familiar de um homem fisicamente lindo, muitíssimo amado pela mãe, acrescida da imagem de um intelectual, autodidata, cultíssimo, que escrevia muito, publicava textos e críticas literárias em jornais, correspondia com Mário de Andrade e intelectuais de sua época. A influência que Hilda recebeu do pai não se tratava de uma influência apenas literária, era muito mais do que isso, o seu pai foi a razão dela ter se tornado escritora. Hilda escrevia basicamente para ele. Ela tentou fazer uma obra muito boa para que ele pudesse ter orgulho dela, pois quando Hilda nasceu o pai disse: *que azar é uma menina*. Apolônio bem sabia das limitações da mulher, na década de 30, e era compreensível que preferisse que ela fosse um menino. Esse fato marcou Hilda profundamente ao longo de toda sua vida, porém de uma maneira positiva. Ela ficou muito incomodada com a palavra *azar* e quis ser uma pessoa brilhante para impressionar o pai.

Com pouco tempo de vida, seus pais se separaram, o que motivou sua mudança com a mãe, para a cidade de Santos - SP. Apolônio, com 35 anos era esquizofrênico e até sua morte, passou longos períodos em sanatórios para doentes mentais. Bedecilda, assim como Apolônio, acabou enlouquecendo também. Hilda dizia não ter tido filhos para eles não herdarem a loucura dos seus pais, embora os amigos dissessem que isso era apenas uma desculpa, pois, ela não conseguiria escrever uma linha sequer, se tivesse tido filhos^{xx}.

Hilda nos confessou sentir uma tristeza profunda pelo pai ter ficado louco e não ter conseguido terminar sua obra. Hilda viu seu pai duas vezes. A primeira aos três anos, quando ele foi visitá-la e levou-lhe um cavalo de pau. E a segunda aos 16 anos, quando ele pediu para ela ir visitá-lo na fazenda onde morava e confundindo-a com a mãe, pegava em sua mão implorando-lhe somente três noites de amor. Isso a deixou atrapalhada, constrangida e confusa^{xxi}. A intensidade da loucura do pai e os poucos encontros que Hilda teve com o mesmo acentuaram sua imagística da figura paterna, que se configurou como um dos principais componentes de sua obra literária^{xxii}.

Hilda desde pequena adorava ler. Seu tio Luís, irmão do seu pai, ia lhe dando os livros e ela ia lendo. Com Gilberto Amado e Carlos Drummond de Andrade^{xxiii} manteve, durante certo tempo, correspondência amiga. Hilda nos contou que Drummond a conheceu muito jovem e chegou a escrever um poema para ela. Ela sempre gostou muito dele, mas era de um modo diferente, não era uma afinidade literária como a que ela tinha com o Jorge de Lima. Hilda dizia que Drummond era tímido e admirável e ela até quis ter um *affair* com ele, mas ele *gostava muito da esposa...* Entre os poetas de língua portuguesa, quem mais de perto a tocou foi, sobretudo, Jorge de Lima, ao lado de Fernando Pessoa e Cecília Meireles. Hilda dizia sempre reler os sonetos de *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima, por considerá-los *deslumbrantes*.

Entre os amigos a quem, por razões afetivas ou intelectuais, se sentia ligada, salientam-se Sergio Milliet, o escritor gaúcho, Caio Fernando Abreu, Lygia Fagundes Telles, a arquiteta Gisela Magalhães, J. Toledo, Bráulio Pedroso, José L. Mora Fuentes, Joy Kostakis e o poeta português Carlos Maria Araújo, a quem dedicou, por ocasião da sua morte precoce, as sete estâncias dos *Pequenos Funerais Cantantes*.

E quais eram as virtudes dessa santa flamante, irreverente e bem humorada, que despertou paixão em empresários, escritores, artistas, inclusive Vinícius de Moraes? Que inspirou músicos como Adoniran Barbosa^{xxiv}, Gilberto Mendes^{xxv}, seu primo José Antônio Rezende de Almeida Prado^{xxvi} e o maranhense Zeca Baleiro^{xxvii} a comporem alguns de seus trabalhos mais significativos? Que scandalizou a sociedade paulista nas décadas de 50 e 60, mudando a vida cultural da cidade? Que aos 27 anos viaja pela Europa e namora Dean Martin e, fazendo-se passar por jornalista assedia, sem sucesso, Marlon Brando, na França?

A maior virtude de Hilda foi o amor. Hilda amou as pessoas, as plantas e desde muito nova mostrava afeição pelos animais, principalmente os cachorros. Ela chegou a ter mais de 90 cães, que conhecia pelos nomes, e como na mitologia grega, esses

animais também devem tê-la conduzido e cortejado-a depois da morte. A Casa do Sol era um *INAMPS*, como nos diziam o seu grande amigo Zé Luiz conhecido como Mora Fuentes, o Dante, seu ex-marido, e o escritor J. Toledo^{xxviii}. Hilda cuidava das pessoas carentes com generosidade, colocou dentes em muitas pessoas que ela mal conhecia, ouvia os empregados da fazenda com a mesma consideração que tinha para com os amigos. O depoimento abaixo é um fragmento de um diário Hilda Hilst:

Fui até o barraco do Zé velho e chorei muito porque vi muita miséria. Mandeí desmanchar o barraco e coloquei o Zé velho e a Rosa numa casinha da fazenda. Sofro de piedade, gostaria de poder dar muitas coisas a muita gente, mas não posso. Telefonei para mãe do José Luis (Mora Fuentes) e soube que o Zé já está bem, sem febre. Fiquei contente. Agradeço a Deus e aos guias. (HILST, Hilda, 1973)¹⁰⁴

Hilda Hilst acolhia com amorosidade os estudantes, os jovens poetas e artistas, os grupos de teatro amadores, os amantes que não podiam ser vistos em público, os doentes e os vira-latas. Até as vozes de mortos, de origem inexplicável pela ciência, captadas por ondas radiofônicas^{xxix}, os seres de outra dimensão que a visitavam e os ÓVNIS que pousaram nas cercanias de sua chácara, tendo muitos amigos como testemunhas, sabiam ser bem-vindos na Casa do Sol^{xxx}. Essas suas experiências com a Transcomunicação Instrumental estão relatadas na entrevista concedida à revista Planeta em julho de 1977.

Foi essa Hilda irreverente, profunda e acima de tudo humana, que tive o prazer de conhecer, quando com um grupo de colegas, orientado pelo Prof. Paulo Bastos Martins, do Instituto de Artes da Unicamp, criamos e realizamos um vídeo sobre a escritora, no segundo semestre de 2002. Utilizamos os recursos de imagem eletrônica, linguagem televisiva, gravações externas, gravações em interiores, em estúdio e também processamento de imagem por computador e video-texto. *Hilda Humana Hilst* foi lançado em 2003 na TV UNICAMP e exibido por uma semana em homenagem ao dia Internacional da Mulher.

O documentário *Hilda Humana Hilst*^{xxxi} é um dos exemplos de como a História Oral tem utilizado o vídeo como uma das novas alternativas de registros. Os depoimentos da própria Hilda Hilst e de pessoas próximas e amigas, além de reforçarem

o seu brilhantismo, a irreverência e a audácia da escritora, revelam também o seu lado generoso, dócil, simples e amoroso, até então desconhecido para o grande público.

Referências Bibliográficas

HILDA HUMANA HILST. **Coordenação geral:** Paulo Bastos Martins. **Idéia do tema:** Fabiano Silvestre. **Equipe de produção:** Áurea Regina de Sá, Bernadeth Maria Pereira, Carlos Alberto Ferreira Tenreiro, Dionísio dos Santos Jr., Erika Blaudt, Fabiano Silvestre, Giovanna Boni, Helenita Sommerhalder, João Batista Melo, Leonardo Rossi Lazzari. **Coordenação de edição:** Bernadeth Maria Pereira, Giovanna Boni, Helenita Sommerhalder. **Imagens:** Celso Palermo, Roberto Roldan. **Edição de imagens:** Roberto Roldan. Departamento de Multimeios-Instituto de Artes - Unicamp – Campinas – SP - 2002. 1 fita de vídeo Super VHS Profissional (52 min.)

HILST, Hilda. *Da morte. Odes mínimas* (capa de inc. design editorial). São Paulo: Editora Globo, 2003.

_____. O Auto da Barca de Camiri in *Teatro reunido*, volume I (capa de Olga Bilenky). São Paulo: Nankin Editorial, 2000.

_____. *A obscena senhora D* (capa de inc. design editorial). São Paulo: Editora Globo, 2001.

_____. *Kadosh* (capa de inc. design editorial). São Paulo: Editora Globo, 2002.

_____. *O Caderno rosa de Lori Lamby* (ilustrações de Millôr Fernandes). São Paulo: Massao Ohno, 1990; 2a edição, São Paulo, Massao Ohno, 1990.

_____. *Contos d'escárnio. Textos grotescos* (capa de Pinky Wainer). São Paulo: Siciliano, 1990; 2a edição, São Paulo, Siciliano, 1992.

_____. *Cartas de um sedutor* (capa de Pinky Wainer). São Paulo: Paulicéia, 1991.

_____. *Poemas malditos gozosos e devotos* (capa de Tomie Otake). São Paulo: Massao Ohno/Ismael Guarnelli, 1984.

KAZANTZAKIS, Nikos. *Carta a Grego*, translated into Portuguese by Armando Pereira da Silva, Armando da Silva Carvalho. Lisbon: Ulisseia 1961

Notas

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm?fuseaction=biografias_texto&cd_verbete=5183&cd_item=48.

Depoimento oral de José Luís Mora Fuentes registrado no videodocumentário *Hilda Humana Hilst* (PEREIRA, Bernadeth Maria et al, 2002).

² Depoimento oral de Hilda Hilst em uma das entrevistas para a realização do videodocumentário *Hilda Humana Hilst* (PEREIRA, Bernadeth Maria et al, 2002).

³ Depoimento oral de Hilda Hilst em uma das entrevistas para a realização do videodocumentário *Hilda Humana Hilst* (PEREIRA, Bernadeth Maria et al, 2002).

⁴ A Senhora D é a protagonista do livro: HILST, Hilda. [A obscena senhora D](#). Editora: Editora Globo, 2001.

⁵ HILST, Hilda. *Qadós* - SP: Edart, 1973. - 180 páginas. Em 1973, por decisão da própria Hilda, *Qadós* passou a ser grafado Kadosh, quando a Editora Globo passou a editar suas obras completas em 2001.

⁶ Sobre a Obscena Senhora D Caio Fernando Abreu diz “A história - se é que há uma história aqui - é simples: após a morte do amante, Hillé, a Senhora D, se recolhe ao vão da escada, "um Nada igual ao teu, repensando misérias, tentando escapar, como tu mesmo, contornando um vazio, relembrando", em direção à própria morte. Numa prosa que se dilata e contrai, às vezes estufada, barroca, repleta de cintilâncias, outras se fazendo navalha, corte seco, a linguagem de Hilda Hilst avança sobre as camisas-de-força da sintaxe para desvendar insuspeitados espaços. O resultado é um texto que, fora de nossa literatura, ao lado de Guimarães Rosa e Clarice Lispector, só encontraria paralelo em Joyce ou Samuel Beckett. Mais além: é vivo”. Disponível em <http://www.angelfire.com/ri/casadosol/criticacfa.html>.

⁷ Depoimento oral de Hilda Hilst em uma das entrevistas para a realização do videodocumentário *Hilda Humana Hilst* (PEREIRA, Bernadeth Maria et al, 2002).

⁸ Fragmento da entrevista que Carlos Voght, lingüista, ex- reitor da UNICAMP e amigo da escritora concedeu ao Caderno de Literatura Brasileira, Instituto Moreira Salles, 1999.

⁹ HILST, HILDA. *A obscena senhora D*. Editora: Editora Globo, 2001.

Sinopse

O livro. Escrito na particularíssima prosa de Hilda Hilst, onde todos gêneros narrativos se fundem e os recursos estéticos mais variados são usados, A Obscena Senhora D é Hillé, que após a morte do seu amante, se recolhe ao vão da escada, para falar "dessa coisa que não existe, mas é crua e viva, o Tempo." Obra plena dos temas mais caros à autora -- o desamparo, a condição humana, o apodrecimento da carne, a alma conturbada -- A Obscena Senhora D é uma procura lúcida e hipnótica das razões da existência, onde tudo pode acontecer, de uma facada pelas costas até um apaixonado beijo de amor. Como a própria Senhora D afirma: "... A vida foi uma aventura obscena, de tão lúcida." A história do livro. A Obscena Senhora D foi lançado em 1982. Em 1997, a obra foi publicada na França, pela Ed. Gallimard, com tradução de Maryvonne Lapouge, que também traduziu Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa. Ao lado de Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão, a publicação de A Obscena Senhora D pela Editora Globo marca o início do relançamento de toda obra de Hilda Hilst, incluindo 31 títulos, entre prosa e poesia. O que se diz. Por amar a condição humana, Hilda escreve", afirmou o escritor Caio Fernando Abreu, já falecido, e acrescentou, em relação à leitura de A Obscena Senhora D: "Ninguém sairá ileso." Para Leo Gilson Ribeiro, importante crítico literário, que considera a autora o maior escritor vivo em língua portuguesa, "O espanto diante da criação de Hilda Hilst crescerá à medida que as gerações futuras consigam apreender a grandeza imune ao efêmero desta vivência escrita."

¹⁰ Fazem parte da “trilogia obscena” de Hilst *O caderno rosa de Lory Lamby*, *Contos D'escárnio – textos grotescos*, 1992, e *Cartas de um Sedutor*, 1991.

¹¹ HILST, Hilda. *O Caderno Rosa de Lori Lamby*, Editora: [Globo Editora, 2005. Pgs](#) 128.

Sinopse

Polêmica e obscena obra de Hilda Hilst. Narra a história de Lori Lamby, uma garota de oito anos que vende seu corpo incentivada por seus pais proxenetas. No seu caderno rosa ela relata seus segredos. Apesar do impacto inicial causado pelo tema da pedofilia, o livro vai muito além. O livro, em grande parte escrito na forma de diário, apresenta uma menina de oito anos que vende seu corpo incentivada por seus pais proxenetas. A obra é, sim, obscena e põe em cheque a moralidade dos leitores, pois é quase impossível realizar uma leitura frígida dos relatos de Lori Lamby. Mas, apesar do impacto inicial causado pelo tema da pedofilia, o livro vai muito além. A própria literatura é alvo de obscenidades: gêneros intercalados, cartas, relatos, citações pervertidas de grandes autores como D. H. Lawrence, Henry Miller ou Georges Bataille e um Caderno negro dentro do Caderno rosa de Lori. Aquilo que, a princípio, aparece no texto como possíveis e singelos erros de escrita de uma criança recém-alfabetizada aponta para um estudo lexicológico, para uma etimologia das sensações fazendo soluçar a gramática.

¹² HILST, Hilda. *Contos d'escárnio | Textos grotescos* Editora: Editora Globo, 2002

Sinopse: *Contos d'escárnio | Textos grotescos* é o oitavo livro – o quarto de prosa de ficção – que a Editora Globo põe no mercado para dar continuidade ao projeto de publicação das obras reunidas da escritora Hilda Hilst. Composto em tom de sátira, o livro traz todas as características que marcam a prosa hilstiana: o enredo não guarda qualquer linearidade, às vezes o texto é lírico, outras vezes confirma o grotesco do título, diversos gêneros (desde o teatro até o certame poético) vão se sobrepondo e as personagens alternam momentos de confessionalismo a outros de crítica radical. O alvo de Hilda Hilst é o

mercado de livros de pouca qualidade e a celebração do baixo nível que a autora enxerga na cultura brasileira. Ironicamente, afirma que pretende fazer também o seu "lixo". Por esse meio, ainda, a autora identifica que analogamente à festividade em torno do objeto literariamente medíocre está um país envolto em bandalheira e todo tipo de desorganização e permissividade. Crasso, o narrador de nome romano e comportamento chulo, descortina suas lembranças e as envolve em um novelo ao lado de outras micronarrativas. O resultado é uma espécie de pequeno Decamerão em que, no caso, reinam a bandalheira, o mau gosto e o excessivamente medíocre. Com Contos d'escárnio/ Textos grotescos, Hilda Hilst surge afiada para criticar, primeiramente, a literatura de baixíssimo nível e, por extensão, a situação de penúria do país que a produz ou comercia vultosamente.

¹³ HILST, Hilda. Cartas de um Sedutor. Editora: Editora Globo, 2002. 194pgs.

Sinopse

Junto com A Obscena Senhora D e O Caderno Rosa de Lori Lamby, Cartas de um Sedutor compõe a trilogia erótico-pornográfica de Hilda Hilst. Em Cartas de um Sedutor, a autora descreve o cotidiano de Karl, um homem rico, amoral e culto, que busca a explicação para sua incompreensão da vida através do sexo. Karl escreve e envia vinte cartas provocativas a Cordélia, sua casta irmã. Os textos das cartas se misturam à vida de Stamatius, um poeta que encontra no lixo os manuscritos de Karl. Após a primeira leitura, percebe-se que ambos - Karl e Stamatius - são a mesma pessoa em tempos e condições diversos, mas com posturas diferentes diante dos mesmos questionamentos. O contraponto entre um e outro é o mote para uma obra de grandeza ímpar e absolutamente humana no seu sentido mais divino. A história do livro. Cartas de um Sedutor foi lançado originalmente em 1991. Após a publicação de A Obscena Senhora D, Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão, e Bufólicas, Cartas de um sedutor é a quarta obra da autora lançada pela Editora Globo, que publicou a obra completa de Hilda Hilst, incluindo 31 títulos, entre prosa e poesia.

¹⁴ Confira a tese de Goimar Dantas de Souza "O sagrado e o profano nas poéticas de Hilda Hilst e Adélia Prado". Disponível em http://www.hildahilst.com.br/teses_ensaios.php?categoria=9&id=81

¹⁵ Depoimento oral de Hilda Hilst em uma das entrevistas para a realização do videodocumentário *Hilda Humana Hilst* (PEREIRA, Bernadeth Maria et al, 2002).

¹⁶ "Deus segundo o olhar de Kazantzakis e Hilda Hilst", artigo acadêmico de Kamilla Kristina Sousa França Coelho disponível em http://www.hildahilst.com.br/teses_ensaios.php?categoria=9&id=8.

¹⁷ Confira em Hilst, Hilda. *Poemas malditos gozosos e devotos (capa de Tomie Otake)*. São Paulo, **Massao Ohno/Ismael Guarnelli, 1984**.

¹⁸ Poucos meses após a morte de Hilda Hilst iniciaram-se os trâmites para fundar o Instituto Hilda Hilst – Centro de Estudos Casa do Sol, atitude liderada pelo escritor José Luis Mora Fuentes, à época presidente da Instituição e amigo por mais de 30 anos da escritora, morador da Casa do Sol por mais de 20 anos.

¹⁹ Depoimento da arquiteta Gisela Magalhães, amiga pessoal de Hilda, no videodocumentário *Hilda Humana Hilst*. (Pereira, B. M. et al. 2002).

²⁰ Depoimento oral de Hilda Hilst em uma das entrevistas para a realização do videodocumentário *Hilda Humana Hilst* (PEREIRA, Bernadeth Maria et al, 2002)

²¹ Citamos "O Caderno Rosa de Lori Lamby" que ainda guarda um segredo sobre o verdadeiro narrador da história. Apesar da obviedade do título sugerir que a pequena Lori Lamby é a narradora-personagem de seu caderno, é possível levantar dúvidas a esse respeito já que seu pai - gênio incompreendido - resolve escrever "bandalheiras" seguindo o conselho de seu editor. Neste ponto reside a inferência que o personagem, pai de Lori Lamby, pode ter sido inspirado no próprio Apolônio, pai de Hilda Hilst.

²² Hilda nos contou que Drummond a conheceu muito jovem e chegou a escrever um poema para ela. Ela sempre gostou muito dele, mas era de um modo diferente, não era uma afinidade literária como a que ela tinha com o Jorge de Lima. Durante certo tempo ela manteve com Drummond correspondência amiga. Hilda dizia que ele era tímido e admirável e ela até quis ter um *affair* com ele, mas ele *gostava muito da esposa*...

²³ Em 1960 Adoniran Barbosa, inspirando nas poesias da autora, compõe as músicas "Quando te achei e Quando tu passas por mim".

²⁴ Em 1964 o músico, maestro e compositor José Antônio Rezende de Almeida Prado, seu primo, inspirado nas poesias de Trovas de muito amor para um amado senhor, compõe A minha voz é nobre

(canção para soprano e piano). Em 1969 o mesmo músico inspirando-se nos poemas da autora Pequenos Funerais Cantantes ao poeta Carlos Maria de Araújo, incluídos posteriormente em Poesia (1959/1979), compõe Pequenos Funerais Cantantes (cantata para coral, solistas e orquestra), recebendo o Primeiro Prêmio do 1o Festival de Música da Guanabara.

²⁵ Em 1961 o músico Gilberto Mendes compõe a peça Trova I, inspirada no primeiro poema de Trovas de muito amor para um amado senhor.

²⁶ O CD "Ode Descontínua e remota para flauta e oboé. De Ariana para Dionísio", uma parceria de Hilda Hilst com o cantor Zeca Baleiro, produção Saravá Discos (<http://www2.uol.com.br/zecabaleiro/2006/flash.html>), projeto iniciado ainda em vida da poeta e finalizado após seu falecimento. O show de lançamento desse CD, ocorreu no SESC Pompéia em 2006, com Zeca Baleiro e as cantoras Olívia Byington, Ná Ozzetti e Zélia Duncan.

²⁷ Depoimento oral de José Luís Mora Fuentes, Dante Casarini e J. Toledo em entrevistas para a realização do videodocumentário *Hilda Humana Hilst* (PEREIRA, Bernadeth Maria et al, 2002)

²⁸ Durante uma experimentação, que durou 7 anos com base no livro *Telefone para o além*, do pesquisador sueco Friederich Jurgenson. Este livro de 259 páginas é um clássico da literatura sobre o assunto. Escrito pelo pioneiro do estudo das vozes em fitas magnéticas. O autor narra toda sua experiência de gravações, em mais de 140 fitas magnéticas, do que ele atribuiu serem de espíritos dos homens. São gravações de falecidos, que vão desde amigos pessoais seus, familiares, até personalidades da história como Trotski, Stalin, Hitler etc. Um livro de fundamental importância para o pesquisador de TCI, onde é descrito o interesse emergente da Parapsicologia sobre o tema e principalmente por conter os traços marcantes do pioneirismo. TCI é um fenômeno ainda não explicado pela ciência, sendo classificado por boa parte de quem o pesquisa como um fenômeno Psi-Theta, ou seja, um fenômeno que envolve a manifestação de inteligências de outros planos de existência. Nesta tese, a Transcomunicação Instrumental seria a comunicação com essas inteligências por meio de aparelhos eletrônicos. O termo "TCI", por ter a conotação de *comunicação transcendental* ou de comunicação com o "além", terá sua citação neste website apenas como referência histórica e não como a definição da origem do fenômeno. Como a TCI ainda é um fenômeno não explicado pela ciência, as hipóteses mais frequentemente levantadas para sua explicação são: fraude, fenômenos terrestres ordinários, fenômeno parapsicológico, fenômeno espiritual e fenômeno extraterrestre. O Website citado abaixo trabalha com todas as teses propostas para o fenômeno. Disponível em . http://www.transcomunicacao.net/index.php?option=com_content&view=article&id=158&Itemid=85.

²⁹ Depoimento oral de J. Toledo em entrevista para a realização do videodocumentário *Hilda Humana Hilst* (PEREIRA, Bernadeth Maria et al, 2002). Hilda comunicou a pesquisa aos físicos César Lattes e Newton Bernardes, seus amigos. Escutou deste último: "Isso, sendo verdade, teríamos que sentar na calçada e repensar toda a física" (MORA FUENTES, J. L in Portal Cultural Hilda Hilst – O Vermelho da Vida). Disponível em <http://www.hildahilst.com.br/editorial.php> e http://www.transcomunicacao.net/index.php?option=com_content&view=article&id=158&Itemid=85.

³⁰ Hilda Humana Hilst. **Coordenação geral:** Paulo Bastos Martins. **Idéia do tema:** Fabiano Silvestre. **Equipe de produção:** Áurea Regina de Sá, Bernadeth Maria Pereira, Carlos Alberto Ferreira Tenreiro, Dionísio dos Santos Jr., Erika Blaudt, Fabiano Silvestre, Giovanna Boni, Helenita Sommerhalder, João Batista Melo, Leonardo Rossi Lazzari. **Coordenação de edição:** Bernadeth Maria Pereira, Giovanna Boni, Helenita Sommerhalder. **Imagens:** Celso Palermo, Roberto Roldan. **Edição de imagens:** Roberto Roldan. Departamento de Múltiplos-Mídia-Instituto de Artes - Unicamp – Campinas – SP - 2002. 1 fita de vídeo Super VHS Profissional (52 min.)